

A CARÊNCIA DE HADDAD

Não faltam opiniões a Haddad: sobram. Brotam como mato em calçada de cidade grande – entre trincas de asfalto, nos comentários das notícias, nos grupos de WhatsApp da família, nos vídeos de análise “definitiva” que prometem explicar o país em sete minutos. O que falta, curiosamente, é o gesto simples de dizer: “Calma. Respira. Vamos tentar entender.”

Na mesa dele, empilham-se tabelas, relatórios e projeções que parecem ter sido escritos em uma língua estrangeira. Não aquela estrangeira charmosa, de cafés parisienses e livrarias londrinas, mas a língua áspera dos juro compostos, das metas fiscais, dos bilhões com mais zeros do que a paciência do contribuinte. É um idioma em que cada vírgula deslocada vira manchete, e cada número, um motivo a mais para alguém lhe atribuir adjetivos pouco delicados.

De manhã, antes da equipe chegar, o gabinete ainda tem um silêncio de biblioteca antiga. As persianas meio abertas deixam entrar uma luz pálida, que não sabe se é otimismo ou ressaca de outro dia turbulento. Nesse intervalo raro, entre o primeiro café e a primeira reunião, o ministro poderia ser confundido com um professor preparando aula, rabiscando anotações à margem de um relatório – como quem sublinha versos num livro de poemas.

Mas o país não é um livro de poemas. O país acorda cedo e mal-humorado.

Do lado de fora, o Brasil se organiza em filas – do ônibus ao SUS, do caixa eletrônico à promessa de prosperidade. Todo mundo deve alguma coisa a alguém: o lojista ao banco, o banco ao regulador, o regulador à confiança do mercado, o mercado a ninguém em especial. E no meio dessa ciranda, alguém precisa ser o rosto do “não dá”. Em geral, é o ministro da Fazenda.

Numa cultura que ama salvadores e detesta administradores, ninguém quer ser lembrado como aquele que puxou o freio de mão. O herói popular, de preferência, distribui, promete, alarga horizontes. O ministro, alma penada de planilha, é obrigado a desenhar limites. Fala de déficit, de teto, de regra de ouro, de coisas que lembram mais boletos vencidos do que o país luminoso dos jingles de campanha.

Não que o ministro não tenha culpa; sempre tem. Ministros são, por definição, os culpados oficiais da história. Se o dólar sobe, é culpa dele. Se cai, é pouco; devia ter caído mais. Se a Bolsa derrete, é incompetente. Se sobe demais, é irresponsável, está alimentando bolha. Se o crescimento é tímido, é um fracasso. Se cresce rápido, é populista. É um jogo em que o tabuleiro vem viciado de fábrica.

As redes sociais transformaram o debate público num campeonato de xingamentos. Ninguém quer entender o que é meta primária, reforma tributária, arcabouço fiscal. As pessoas querem saber se vai sobrar dinheiro para o churrasco do fim de semana, se o cartão de crédito vai parar de assombrar o sono, se a gasolina vai permitir uma escapada para a praia. E, porque a vida é concreta, o ministro vira uma espécie de gerente de frustrações nacionais.

Seria cômico, se não fosse trágico, perceber como o país tem uma relação sentimentalmente infantil com a economia. Quer presentes, não boletos. Quer milagre, não orçamento. Quer crescimento, mas detesta a palavra “corte”. Quer serviços públicos de país escandinavo, mas reage a qualquer conversa sobre reforma estrutural como quem recebe uma intimação judicial. No meio desse teatro, o ministro ocupa o papel ingrato de adulto na sala.

O problema é que, no Brasil, ninguém gosta de adultos na sala.

Se alguém resolvesse escrever um romance sobre esse ministro carente de elogios, talvez o comesse numa madrugada qualquer, diante da tela acesa do celular. Ele leria uma sequência interminável de mensagens: o editorial cáustico, o comentário maldoso, a análise “técnica” que confundia torcida com diagnóstico. Entre uma crítica e outra, talvez surgisse uma mensagem da filha, perguntando se ele vai conseguir ir ao aniversário dela no fim de semana. Ele hesita. A agenda está lotada.

O romance se chamaria algo como *A Solidão do Homem que Mexe nos Números*. Não teria grandes cenas de apoteose, apenas reuniões intermináveis, viagens urgentes, telefonemas fora de hora, preocupações nunca fora de foco. E, ainda assim, seria um romance profundamente humano, porquealaria daquele instante preciso em que o servidor público se confunde com a pessoa, e o cargo começa a vazarpela fresta da vida privada.

Mas o país não quer saber de romance; quer saber de culpados.

Existe algo muito brasileiro na facilidade com que se transformam ministros em vilões de novela. É como se a gente precisasse, o tempo todo, de um personagem que concentre as angústias difusas: inflação, desemprego, medo de queda social, raiva dos impostos, cansaço com promessas quebradas. Em vez de olhar para a complexidade da engrenagem, escolhemos mirar o rosto de alguém na televisão. E despejamos ali todo o incômodo por viver num país que, há décadas, anda no fio da navalha entre o possível e o abismo.

Talvez, em outro cenário, esse mesmo personagem fosse visto como o que de fato é: alguém tentando administrar limites, como o síndico de um condomínio gigantesco e caótico, em que metade dos moradores não paga em dia, a outra metade desconfia da administradora, e todo mundo acha que sabe mais sobre

engenharia do que os engenheiros. Só que, em vez de discutir infiltração, falamos de trilhões.

De noite, quando o noticiário termina e as luzes do gabinete vão se apagando, o ministro recolhe sua pasta, ajeita o paletó e atravessa o corredor comprido. Os retratos na parede – presidentes, ex-ministros, heróis da República – o observam em silêncio. Muitos deles também foram, no seu tempo, alvos das mesmas paixões voláteis, das mesmas certezas indignadas. Alguns saíram pela porta dos fundos, sob vaias. Outros, anos depois, ganharam estátuas e biografias elogiosas. O país é ciclotímico até na memória.

Carente de elogios e afagos, esse ministro aprende a viver de migalhas: o aceno respeitoso de um técnico de carreira que entende o esforço; o silêncio raro de um crítico que, por alguns dias, não encontra munição; a sensação íntima de ter evitado um desastre maior, mesmo que ninguém jamais venha a agradecer por isso.

No fim das contas, talvez a crônica não seja sobre ele, mas sobre nós. Sobre um país que acha bonito aplaudir quem distribui, mas tem dificuldade de entender quem calcula. Que é generoso na hora de exigir, mas cicatriz de guerra quando precisa reconhecer uma escolha difícil.

A carência de elogios do ministro é, em parte, o espelho da nossa própria carência de maturidade cívica. Enquanto tratarmos a economia como se fosse uma história em quadrinhos, com mocinhos, bandidos e soluções mágicas em dois quadros, continuaremos a precisar de ministros para odiar – e de narrativas fáceis para aliviar nosso desconforto com a realidade.

Quem sabe, um dia, o Brasil aprenda a dizer “obrigado” aos seus administradores de crise, sem que isso signifique concordar com tudo, sem que pareça declaração de amor político. Apenas o reconhecimento sereno de que alguém precisou fazer o trabalho chato enquanto o resto do país sonhava com milagres.

Até lá, Haddad continuará sendo o ministro carente de elogios e afagos. Não por falta de história, mas por excesso de ruído. E nós, do lado de cá, continuaremos a trocar memes, indignações instantâneas e diagnósticos apressados – enquanto as planilhas seguem, silenciosas, tentando impedir que o chão desapareça sob nossos pés.